

2 AS NOVAS COMUNIDADES ECLESIAIS

O modo de relacionar-se com o sagrado tem passado por transformações profundas nos últimos anos, conforme vimos ao longo do primeiro capítulo. A recusa às macro-estruturas institucionalizadas faz emergir, não obstante o individualismo religioso, uma efervescência de grupos comunitários informais, nos quais as relações de seus membros são mais calorosas e afetivas. Muitas das características e tendências do cenário religioso contemporâneo podem ser elucidadas no fenômeno das novas comunidades eclesiais, oriundas do Movimento da Renovação Carismática Católica. Elas refletem aspectos vitais da nova sensibilidade religiosa marcada pelo ‘retorno do sagrado’ na hodierna sociedade.

Ao perscrutar o novo das novas comunidades, estaremos não apenas adentrando nas novas tendências religiosas do mundo pós-moderno urbanizado, bem como estabeleceremos um diálogo entre elas e as estruturas eclesiais, sobretudo a tradicional estrutura paroquial, no intuito de uma proposta de renovação da mesma. A importância de tal diálogo reside nas luzes e provocações que os novos modelos eclesiais, sobretudo as novas comunidades, podem lançar, não obstante suas limitações, à instituição paroquial e aos modelos pastorais nela existente.

2.1 O fenômeno das novas comunidades

2.1.1 Novas comunidades: uma realidade crescente

Na dinâmica do ‘retorno do Sagrado’ temos assistidos nos últimos tempos não apenas ao surgimento de novos movimentos eclesiais, como também a um rápido crescimento e expansão dos mesmos. Embora não sejam de hoje os movimentos e associações de fiéis, é a partir da eclesiologia de comunhão do

Vaticano II que eles se expandem consideravelmente¹. Nesta dinâmica, tem chamado a atenção dos teólogos, pastoralistas e sociólogos da religião o fenômeno das assim chamadas ‘novas comunidades eclesiais’². Apesar de constituírem uma realidade bastante recente na Igreja do Brasil³, já estão presentes do norte ao sul do país, e tudo indica que seu crescimento não pare tão cedo. São no nordeste e centro-oeste as regiões mais férteis para o nascimento e expansão de novas comunidades. É difícil saber com maior exatidão o número delas existentes. Por constituírem uma dinâmica laical e não tanto institucional, nem sempre elas são registradas sistematicamente nas paróquias e dioceses, além do que a cada dia surgem novas⁴.

As novas comunidades dizem respeito a uma forma associativa de fiéis⁵, diferenciando-se dos movimentos religiosos e demais associações por manterem características próprias, conforme veremos posteriormente. A exortação *Pós-Sinodal Vita Consecrata*, ao se referir a elas, emprega os termos ‘novas expressões de vida consagrada’⁶ e ‘novas formas de vida evangélica’⁷.

Elas nascem de homens e mulheres que dizem se sentir inspirados por Deus a se dedicarem à evangelização de forma mais intensa. Fundam, então, uma comunidade, com um carisma particular. Outras pessoas, atraídas a compartilhar de tal carisma e forma de vida, juntam-se aos primeiros fundadores. O Subsídio Doutrinal da CNBB, intitulado “Igreja Particular, movimentos eclesiais e novas comunidades” assim se expressa ao falar do surgimento das novas comunidades:

¹ Vejamos a afirmação de João Paulo II. “Nestes tempos mais recentes, o fenômeno da agregação dos leigos entre si assumiu formas de particular variedade e vivacidade. Se na história da Igreja tal fenômeno representou sempre uma linha constante, como o provam até aos nossos dias as várias confrarias, as ordens terceiras e os diversos sodalícios, ele recebeu, todavia, um notável impulso nos tempos modernos que têm visto o nascer e o irradiar de múltiplas formas agregativas: associações, grupos, comunidades, movimentos. Pode falar-se de uma nova era agregativa dos fiéis leigos” JOÃO PAULO II. PAULO II. *Christifideles Laici. Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo*. Petrópolis: Vozes, 1989, n. 29. Doravante utilizaremos a expressão ChL para nos referirmos a ela.

² Cf. LOPES, E. “Católicos reclusos”. *Revista Veja*, ed. Abril, edição 2089 – ano 41, n. 48, 3 de dezembro de 2008, p. 110-116.

³ A pioneira é a comunidade Canção Nova, em Cachoeira Paulista, fundada em 1978. Cf. LOPES, E., op. cit.

⁴ LOPES, E, na reportagem da *Veja*, acima mencionada, afirma existir 450 comunidades.

⁵ *O Código de Direito Canônico*, no cân 310, faz a distinção de três tipos de associação de fiéis, a saber, associações públicas, erigidas pela autoridade eclesiástica; associações privadas, erigidas pelos fiéis e aprovadas pela autoridade eclesiástica e condomínios, ou seja, associações privadas ainda não elevadas à personalidade jurídica na Igreja.

⁶ Cf. JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Vita Consecrata*. Petrópolis: Vozes, 269, 1996, n. 12.

⁷ Cf. *Ibid.* n. 62.

As novas comunidades surgem como agregação de fiéis, por iniciativa própria dos leigos ou, em alguns casos, por iniciativa de algum sacerdote dirigido aos leigos. Algumas, com o passar do tempo, recebem aprovação diocesana, na condição de associações de fiéis, através de decreto do bispo da diocese onde se deu a fundação⁸.

Já há algum tempo elas vêm sendo aprovadas nas diversas dioceses pelos respectivos bispos, e gradativamente vão recebendo aprovações em nível pontifício. Algumas das novas comunidades já bastante conhecidas são referência nacional entre os católicos, sobretudo aquelas mais diretamente ligadas à Renovação Carismática Católica, como por exemplo, a Canção Nova, possuidora de uma emissora de TV, e a Shalom, uma das pioneiras do nordeste. Ambas estão espalhadas em vários estados do país além de possuírem casas no exterior.

Enfim, as novas comunidades são um novo e crescente fenômeno no atual efervescente cenário eclesial que, longe ser ignorado, merece atenção, reflexão e discernimento. Sua contribuição para a vida eclesial dependerá do diálogo, abertura e comunhão existentes entre elas e a Igreja enquanto instituição.

2.1.2 Comunidades de vida e aliança

As novas comunidades existem sob a forma de *comunidade de vida* e *comunidade de aliança*. Da comunidade de vida fazem parte aqueles e aquelas que se sentem vocacionados a uma entrega mais radical a Deus: se consagram a Deus na comunidade, professam os conselhos evangélicos, pobreza, obediência e castidade de acordo com seu estado de vida, vivem sob o mesmo teto e colocam em comum seus bens. Os membros da comunidade de vida vivem integralmente na comunidade, dedicando-se totalmente a ela. Neste sentido, as comunidades de vida assemelham-se mais as tradicionais congregações religiosas.

Já os membros da comunidade de aliança também assumem a mesma forma de vida (regra da comunidade), se consagram, professam os votos, comungam do mesmo carisma e estilo de vida da comunidade, sem, contudo, deixar a vida secular, isto é, continuam exercendo sua profissão e residindo em suas próprias

⁸ Cf. Comissão Episcopal Pastoral para a Doutrina da Fé. *Igreja particular, movimentos eclesiais e novas comunidades. Subsídios doutrinários da CNBB-3*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2006, n. 25.

casas. Estela⁹, co-fundadora da Comunidade Shalom, consagrada e membro da comunidade de vida, tece o seguinte comentário a respeito das pessoas que assumem a comunidade de aliança:

Continua no mundo, a missão dela é no mundo. Então se você é um promotor da justiça, você é promotor da justiça de Deus, se você é um médico, você é médico de Deus, se você é empregada doméstica, você é empregada doméstica de Deus. E na aliança tem toda essa gama de profissionais, de estudantes. Então a gente tem desde a empregada doméstica que é analfabeta mesmo, mas que é um dos testemunhos mais bonitos, porque ela entende de Deus pr'a burro, até gente de nível mais alto¹⁰.

Elias Dimas dos Santos, fundador da comunidade Arca da Aliança, de Joinville SC, afirma que há ainda outra forma de pertença à comunidade: são os que, sem emitir os votos, são simpatizantes, comungam do mesmo carisma, colaboram na obra através de vários ministérios e serviços. São chamados ‘amigos da comunidade’, ‘colaboradores’, ‘membros comprometidos’, ‘voluntários’, ‘terceiro elo’¹¹.

Fica claro, portanto, que vida e aliança fazem parte de um todo, pois são duas dimensões de uma só realidade chamada novas comunidades. Em ambos os modos de pertença há uma diversidade muito grande de estados de vida. Jovens, adultos, homens e mulheres, até mesmo crianças, casais, famílias participam nas mais diversas comunidades espalhadas pelo país, mas é, sobretudo o grande número de jovens nas comunidades que tem chamado a atenção.

Há todo um processo formativo para os membros das comunidades, porém são nas comunidades de vida que a formação se dá com um itinerário bem mais intenso, aos moldes da formação da vida religiosa consagrada. Antes de emitir os votos, os membros fazem o postulante, que compreende um tempo de experiência dentro da comunidade, entre seis meses e um ano; noviciado, tempo forte de formação inicial, aproximadamente dois anos. Após o noviciado a formação continua ao longo da pertença à comunidade, por meio da formação

⁹ Não se tem notícia de seu nome completo. As bibliografias apenas mencionam seu primeiro nome.

¹⁰ Cf MIRANDA, J. *Carisma, sociedade e política: novas linguagens do religioso e do político*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999, p. 50.

¹¹ Cf. SANTOS, E. D. *Novas Comunidades: dom da Trindade*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2004, p. 36.

peçoal e comunitária, tendo cada membro um orientador espiritual. É importante ressaltar que cada comunidade aos poucos vai criando uma certa estrutura formativa. As comunidades maiores e melhor estruturadas, como a Shalom e a Canção Nova, contam com membros vocacionados ao sacerdócio. Parte da formação acontece na própria comunidade, parte na diocese juntamente com outros seminaristas. Depois de ordenado são incardinados na diocese onde está sua comunidade, colocando-se à disposição integral da comunidade.

2.1.3

Espiritualidade e carisma das novas comunidades

Grande parte das novas comunidades é oriunda do Movimento da Renovação Carismática Católica¹². Elas nascem geralmente de um grupo de oração da RCC, que são a organização mais básica do movimento carismático¹³. Brenda Carranza, socióloga da religião que tem se destacado no estudo sobre as atuais tendências religiosas no Brasil, explica a dinâmica de tais grupos:

Os grupos de oração representam a base social da estrutura do Movimento. Eles se identificam com nomes como, por exemplo, Raboni, Maranathá, Fé, Água Viva, Filhos de Jesus e Maria etc. A maneira espontânea de difusão explica a variação dos grupos em sua forma e número de membros. Um grupo de 10 pessoas já é considerado grupo de oração. Frequentemente é composto mais de mulheres do que de homens. Pode-se, eventualmente, estar integrado apenas por jovens¹⁴.

Desses grupos constantemente surge um líder carismático, seja leigo ou clero, que se sente inspirado a fundar uma nova comunidade, dando origem, assim, a uma caminhada própria e independente do grupo de oração. Não significa que todo grupo de oração tenha que se tornar uma comunidade de vida ou aliança, contudo, é esta a tendência que se verifica: se unirem em pequenas comunidades, gozando de uma sede própria, estatutos ou regras de vida, carisma, registro civil de entidade¹⁵.

¹² Cf. Comissão Episcopal Pastoral para a Doutrina da Fé, op. cit., n. 26.

¹³ Além dos grupos de oração há na RCC outros eventos de caráter mais maciço, chamados cenáculos, rebanhões, retiros, carnaval de Jesus, como alternativas ao carnaval, etc. Cf. DÁVILA, B. M. C. *Renovação Carismática Católica*, op. cit., 59ss.

¹⁴ *Ibid.* p.45.

¹⁵ Cf. Comissão Episcopal Pastoral para a Doutrina da Fé, op. cit., 32.

Resulta da origem das novas comunidades a partir dos grupos de oração, aquelas beberem da espiritualidade da RCC, conforme observa o subsídio da CNBB. A espiritualidade de grande parte das novas comunidades se baseia principalmente na espiritualidade da Renovação Carismática Católica, enfatizando a experiência pessoal de Deus, a oração, o dom das línguas, a cura e a libertação pessoal, o uso da Bíblia¹⁶.

Há ainda outros elementos e práticas religiosas que reforçam a identidade da RCC, e conseqüentemente das novas comunidades, como por exemplo, o batismo no Espírito¹⁷, cantar em voz alta, levantar os braços, impor as mãos sobre os outros, bater palmas, enfim, atitudes que favorecem ao grupo a comunicação pessoal com Deus¹⁸.

Ao assumirem, portanto, uma espiritualidade ‘pentecostalizada’¹⁹, centrada na idéia da experiência do Espírito, estabelece-se uma íntima relação entre novas comunidades e RCC²⁰. Em outros termos, as novas comunidades nascem geralmente dos grupos de oração da RCC, incorporam sua espiritualidade e aos poucos vão se organizando a partir de um carisma próprio, assumindo uma missão na Igreja e no mundo.

A teologia dos carismas ocupa um lugar central no cotidiano das novas comunidades, o que pode ser observado em sua própria organização. Cada comunidade está estruturada ao redor de um carisma próprio, que conserva nos membros a consciência de sua identidade enquanto membros de uma nova comunidade eclesial. Os mais diversos carismas existentes nas mais diversas comunidades, evangelização dos jovens, evangelização através da mídia, cuidado dos pobres, obediência, unidade, e tantos outros, exercem uma função de identidade socioreligiosa em cada comunidade.

¹⁶ Ibid., 22.

¹⁷ Na Espiritualidade da RCC, ‘Batismo no Espírito’ refere-se à renovação dos sacramentos da iniciação cristã (batismo, primeira eucaristia e crisma). Segundo a os membros da RCC não se trata de um novo batismo, mas da renovação das promessas batismais, ou ainda, uma efusão. “O que a RCC denomina Efusão do Espírito Santo, sabemos que não é um sacramento, e sim uma experiência viva e pessoal de Deus, uma efusão do Espírito, que faz desabrochar a semente recebida no Batismo e nos demais sacramentos e nos permite perceber a profundidade do seu amor misericordioso. Se somos ‘batizados’ no mesmo Espírito de Jesus, Ele nos impele para as mesmas obras.” Cf. LEO, Padre. *Servir no Espírito*. São Paulo: Loyola, 1995, p.114.

¹⁸ Cf. MIRANDA, J., op. cit. p. 21.

¹⁹ Forma pentecostalizada da vivência da fé se refere á espiritualidade neo pentecostal, marcado pelo intimismo religioso, pela ênfase na emoção, teologia da prosperidade, necessidade de milagres para a prova da existência em Deus, moralismo.

Trata-se de uma espiritualidade por meio do qual os leigos também sentem-se portadores do sagrado, ao sentirem-se autorizados e legitimados a exercerem os dons distribuídos pelo Espírito²¹. Os carismas são entendidos pelos integrantes das comunidades como dons e talentos recebidos por Deus para a construção do Reino, vontade de Deus para a comunidade²².

Os documentos eclesiais reconhecem a riqueza dos carismas das novas comunidades por oferecerem à Igreja os mais diversos frutos. A Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christifideles Laici*, no número 24, afirma:

Espírito Santo, ao confiar à Igreja-Comunhão os diversos ministérios, enriquece-a com outros dons e impulsos especiais, chamados *carismas*. Podem assumir as mais variadas formas, tanto como expressão da liberdade absoluta do Espírito que os distribui, como em resposta às múltiplas exigências da história da Igreja (ChL 24).

Importa perceber a dinâmica sociorreligiosa do carisma na vida das novas comunidades. Este, juntamente com a ênfase na espiritualidade, são em grande parte responsáveis pela coesão do grupo, além de manterem viva a consciência de sua missão no mundo.

2.1.4 As principais características das novas comunidades

As novas comunidades, assim como toda realidade eclesial, possuem características próprias. Algumas se assemelham aos demais movimentos eclesiais, outras lhe são peculiares. Apresentaremos brevemente algumas delas sem a pretensão de esgotar toda a novidade dessa emergente forma associativa de fiéis.

Uma de suas principais características diz respeito à diversidade de estados de vida que as compõe. Com o alvorecer das novas comunidades homens,

²⁰ Cf. BOFF, C. “Perspectivas da experiência religiosa para o novo milênio”. IN: ANJOS, M. F. (org.). *Sob o fogo do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 1998, p.325.

²¹ Cf. DÁVILA, B. M. C.” Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências.” In: ANJOS, M. F. (org.). *Sob o fogo do Espírito*, op. cit., p. 48.

No contexto mais amplo da RCC, são as novas comunidades de vida e aliança as portadoras, sociologicamente falando, dos carismas, por estarem juridicamente organizadas e estruturas.

²² Essa resposta apareceu diversas vezes no questionário distribuído a algumas comunidades visitadas.

mulheres, jovens, adultos, casados, solteiros, viúvas compartilham de um mesmo carisma, conforme afirma João Paulo II na *Vita Consacrata*, n 22:

A originalidade destas novas comunidades consiste frequentemente no fato de se tratar de grupos compostos de homens e mulheres, da sociedade atual. Também o seu compromisso de vida evangélica se exprimem de formas diversas, manifestando, como tendência geral, uma imensa aspiração á vida comunitária, à pobreza e à oração. No governo, participam clérigos e leigos, segundo as respectivas competências, e o fim apostólico vai ao encontro das solicitações da nova evangelização²³.

Ao acolher os mais diversos estados de vida, as novas comunidades promovem a integração dos leigos, religiosos e clérigos na vivência da fé. A consagração de seus membros é igualmente uma das grandes balizas das novas comunidades²⁴. Sem abandonar as tradicionais formas de vida consagrada, vão surgindo no cenário da Igreja novas possibilidades de vida consagrada. A vivência da consagração e o modo de entendê-la modifica de comunidade para comunidade. Em outras palavras, o compromisso não significa necessariamente celibato, muito embora haja quem opte por ele. A prática mais comum é o compromisso com a comunidade, através da regra de vida, e outras responsabilidades assumidas, como por exemplo, o ofício divino e a profissão dos conselhos evangélicos, pobreza, obediência e castidade²⁵, cuja vivência se dá de acordo com o estado próprio de cada membro. Interessante o comentário do subsidio da CNBB, no número 28: “a consagração’ não é ordinariamente, uma opção e vida anterior à entrada na comunidade, acontece como consequência do engajamento na própria comunidade”²⁶.

Outra característica das novas comunidades diz respeito à fidelidade às suas organizações. “Tenderão a despertar cada vez mais fidelidade a sua organização e a contar com pessoas dedicadas em tempo quase integral, dando-lhe maior eficiência e operacionalidade”²⁷. O critério de participação e pertença às comunidades não é o geográfico, pois elas não são territoriais. Geralmente não

²³ JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Vita Consecrata*, op. cit., n. 22.

²⁴ Cf. Comissão Episcopal para Doutrina da Fé, op. cit., n. 28.

²⁵ A profissão dos votos é de direito particular, isto é, realizada individualmente perante o bispo, sempre que possível, e renovada anualmente.

²⁶ Comissão episcopal pastoral para a doutrina da fé, op. cit., n. 28.

²⁷ LIBANIO, J. B. *Cenários da Igreja*. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2001, p.23.

precisam da paróquia, da diocese ou do bispo para funcionar, uma vez que têm sua organização própria²⁸.

O cultivo da espiritualidade e a vivência a partir de um carisma, conforme já acenamos, não passam despercebidos nas novas comunidades. Agregada a espiritualidade, a ênfase na vida em comunidade é sua marca registrada. Pode-se falar de uma espiritualidade mais comunitária.

São comunidades reunidas ao redor de uma personalidade carismática, fundador ou não da comunidade, que exerce forte influência sob o grupo. Na sua grande maioria elas trazem consigo uma rejeição explícita ou implícita à burocratização bem como a uma formação teológica mais sólida e sistemática. É que podemos chamar de repulsa à ‘religião intelectual’²⁹, devido a um generalizado cansaço da racionalização, presente nas Igrejas tradicionais. Paradoxalmente, simultâneo a reação à burocratização, para a construção de um novo tecido comunitário, que fornece aos fieis um forte experiência de fé comunitária, as novas comunidades, há um reprodução de instâncias e comportamentos tradicionais³⁰, um retorno à disciplina institucional, obediência incondicional aos pronunciamentos do Vaticano. Na intuição da socióloga da religião Brenda, conseqüentemente as novas comunidades são novas apenas na forma, e não no conteúdo. Nas palavras da própria autora, ‘uma nova forma de relacionar-se com a tradição’³¹.

São essas algumas das características que marcam as novas comunidades. Algumas delas serão melhores enfatizadas ao abordarmos as contribuições e limites das novas comunidades para a vida da Igreja. Apesar da brevidade da abordagem da espiritualidade e características das novas comunidades não é difícil perceber certa semelhança entre elas e as características das assim chamadas ‘comunidades emocionais’ descritas por Hervieu-Léger³². A centralidade do afeto, o alto grau de emocionalismo, a ênfase nas expressões corporais, a importância dos testemunhos de cada membro do grupo sobre sua experiência, numa sociedade marcada pelo anonimato, as adesões voluntárias,

²⁸ É importante salientar que as novas comunidades precisam da aprovação de direito diocesano para estarem presentes na diocese, isto é, da autorização do Bispo.

²⁹ Cf. HIERVIEU-LEGER, D. “Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização”, op. cit. p. 33.

³⁰ Cf. MIRANDA J. op. cit., p.53.

³¹ Cf. DÁVILA, B. M. C. *Renovação Carismática Católica*, op. cit., p. 57.

entre todos outros aspectos contribui para a uma ‘religiosidade quente’ que caracteriza as novas formas comunitárias emergentes.

2.1.5

As novas comunidades e os fatores socioculturais-religiosos

Após termos visto, ainda que sucintamente, a realidade do crescente fenômeno das novas comunidades, sua origem, características e espiritualidade, no intuito de dialogar com a proposta da renovação paroquial, urge situá-las num contexto maior do que aquele meramente fenomenológico ou eclesial. Dito diferente, seu nascimento e expansão, além de estarem associados à ação sobrenatural, não estão desencarnados dos fatores socioculturais.

Primeiramente as novas comunidades apontam para a ação do Espírito Santo, que constantemente anima e renova a Igreja. Não há dúvida de que Ele suscita na Igreja, em todos os tempos e lugares, carismas novos, como resposta aos novos desafios e as novas necessidades. Ao falar da Igreja, a encíclica *Redemptoris missio* assim se expressa: “O Espírito Santo reside nela, dá-lhe a vida com os Seus dons e carismas, santifica, guia e renova-a continuamente”³³.

Não há dúvidas de que estamos vivendo uma primavera do Espírito. Por sua ação, que atua quando e onde quer, novas formas de vivência eclesial surgem, novas carismas nascem, novos profetas aparecem renovando aquilo que já não transmite mais a fé. É sempre válido recordar *Ad Gentes*, o decreto sobre a missão da Igreja que, ao abordar a importância dos carismas, nos diz que o Espírito Santo não só santifica e edifica a sua Igreja por meio dos sacramentos e dos ministros, mas reparte graças especiais entre seus fiéis de todos estados de vida ou condição, sempre em vista a edificação da Igreja³⁴.

Na mesma dinâmica, França Miranda explicita a ligação entre ação do Espírito e renovação institucional da Igreja. “Podemos assim afirmar que o Espírito Santo não vem animar uma instituição já totalmente determinada em suas

³² Cf. HERVIEU-LÉGER, D. “Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização”, op. cit., p.31-47.

³³ JOÃO PAULO II. *Redemptoris Missio: sobre a validade permanente do mandato missionário*. Petrópolis: Vozes, 1991, n. 18.

³⁴ Cf. Decreto “Ad Gentes. Sobre a atividade missionária da Igreja”. In: *Compêndio do Vaticano II: Constituições, decretos, declarações*. 11.ed. Petrópolis: Vozes, 1997, n.28.

estruturas, mas sua presença atuante a leva a se estruturar e a se renovar para melhor responder aos desafios da missão”³⁵. Enfim, toda novidade, toda realidade carismática, sobretudo na Igreja, devem ser remetida em primeiro lugar à ação do Espírito. As novas comunidades eclesiais, por sua vez, não ficam fora da ação pneumática.

Contudo, desconectá-las do acontecimento do Concílio Vaticano II seria um erro histórico. Importa perceber que a ação do Espírito se dá dentro de um contexto histórico. Ele age sempre na história e não apesar dela.

Com o Concílio Vaticano II aconteceu uma grande guinada na história da Igreja. Ficou questionada a “eclesiologia dos poderes” que predominou por muito tempo na Igreja, para se chegar a uma Igreja de comunhão. A partir de uma “Teologia do laicato” que se propagou, sobretudo depois do Concílio Vaticanos II, compreendeu-se que a Igreja é o “Corpo Místico de Cristo”, do qual todos participam. O Concílio Vaticano II nem sua Constituição dogmática *Lumen Gentium*, 32, ao falar do sacerdócio universal dos fiéis, acentuou a dignidade, a missão e a responsabilidade do leigo na Igreja, visando uma eclesiologia mais orgânica, com rosto de uma Igreja “Povo de Deus”. Na Igreja “todos são chamados à santidade (...) reina entre todos verdadeira igualdade quanto à dignidade a ação comum a todos os fiéis na edificação do ‘Corpo de Cristo’”³⁶.

O Vaticano II foi para a Igreja Católica a entrada de novos ares de renovação. *Aggiornamento*, renovação litúrgica, diálogo inter-religioso, incentivo ao protagonismo do leigo, com novas formas de participação eclesial, foram palavras chaves do Concílio. Nasce no Concílio a concepção de Igreja como Povo de Deus, que recupera o papel ativo de todos os batizados na Igreja, rompendo assim a eclesiologia tradicional clerical. Neste sentido, novas formas comunitárias e associações de fiéis ganham um impulso renovador. Foi não apenas reconhecido o direito de associação de fiéis leigos na Igreja como se deu um forte incentivo para a mesma (ChL 29.). O *aggiornamento* do Concílio vaticano promoveu a passagem de uma eclesiologia de cunho jurídicista e organicista para uma realidade mais dinâmica e participativa. Trata-se de uma mudança de paradigma: passagem de uma visão organicista (instituição, perfeitamente organizada, controlada) para a coexistência de novos modelos organizacionais, com a

³⁵ MIRANDA, M. F. *A Igreja numa sociedade fragmentada*, op. cit., p. 69.

³⁶ Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: *Compêndio do Vaticano II*, op. cit., n. 32.

participação e contribuição de todos para uma nova configuração da Igreja. Portanto, é neste contexto que as novas comunidades estão inseridas, assim como outras realidades eclesiais que foram nascendo após o Vaticano II, como, por exemplo, as Cebs, movimentos populares e outros.

E por fim, não menos importante do que situar as novas comunidades na ação do Espírito e no acontecimento do Concílio Vaticano é remetê-las ao pluralismo sociocultural-religioso da pós-modernidade e do mundo urbano, abordado ao longo do primeiro capítulo. Julgamos redundância a repetição das características que marcam a atual dinâmica do 'retorno do sagrado'. Importa ter presente que as novas comunidades eclesiais, ao expressarem novas formas e expressões da vivência religiosa e comunitária da fé, comungam da nova sensibilidade religiosa. Dito de forma diferente, é no atual contexto socioreligioso plural e complexo que as novas comunidades eclesiais crescem e se expandem.

2.2

As comunidades Shalom, Bom Pastor e Toca de Assis

O caminho percorrido até aqui ajudou-nos a uma visão mais abrangente das novas comunidades eclesiais. Queremos agora entrar numa abordagem mais direta das mesmas, no intuito de adentrar um pouco mais na realidade desses novos modelos de experiência comunitária da fé. Abordaremos três das novas comunidades, Shalom, Bom Pastor e Toca de Assis, com as quais fizemos um suscita pesquisa de campo. Optamos por estas comunidades, primeiramente pelo fato das três juntas oferecerem uma visão maior da realidade das novas comunidades: Shalom, por estar muito expandida pelos vários estados do país e no exterior e pela influência que ela exerce no Movimento da Renovação Carismática; Bom Pastor, uma comunidade basicamente de aliança, aberta ao ecumenismo, e situada no mesmo prédio de uma paróquia; Toca de Assis, embora não se auto considere uma nova comunidade, optamos por pesquisá-la por sua capacidade em atrair adeptos, sobretudo jovens. Em segundo lugar, a escolha

destas comunidades foi motivada pelo fato de todas estarem presentes no Rio de Janeiro, o que favorece a trabalho de campo³⁷.

2.2.1 Comunidade Shalom

2.2.1.1 Carisma e missão da comunidade

No Brasil, a comunidade de vida e aliança Shalom é uma das mais antigas e numerosas das assim chamadas novas comunidades. Atualmente ela conta com a presença de aproximadamente 1.500 membros, e está presente em quase todos os estados brasileiros, e até mesmo no exterior.

Fundada em 1982, em Fortaleza, CE, Shalom é hoje referência nacional entre o movimento da Renovação Carismática e os adeptos das novas comunidades. Tudo começou numa pequena lanchonete e livraria do bairro chamado Aldeota, em Fortaleza. Neste ano, jovens pertencentes a um grupo de jovens do bairro, tendo como líder Moyses Louro de Azevedo Filho, decidem abrir uma lanchonete no intuito de aproximar mais os jovens de Deus³⁸. Quem ia até a lanchonete fazer um lanche e beber um refrigerante não saía de lá sem receber uma mensagem religiosa. Portanto, a comunidade nasceu de uma lanchonete que foi transformada em vista da evangelização³⁹.

Com o passar do tempo esses jovens perceberam que deveriam ir mais além das pregações. Decidem então fundar uma comunidade. Em 9 de junho de 1982, Dom Aloísio Lorscheider, então Arcebispo de Fortaleza, inaugura o centro de Evangelização Shalom. Era, sem dúvida, o início de uma obra em plena

³⁷ Para facilitar a pesquisa, desenvolvemos um questionário, com algumas perguntas, as quais foram respondidas por alguns membros de cada comunidade, com as seguintes perguntas: Porque a pertença eclesial por meio das novas comunidades atraem tantas pessoas hoje? Quais as principais pontos positivos e negativos das novas comunidades? O que as novas comunidades têm a oferecer à revitalização paroquial? Qual a avaliação que você faz da atual estrutura paroquial? Percebe-se que as perguntas são direcionadas para o diálogo com a estrutura paroquial, objetivo principal da dissertação.

³⁸ Vale enfatizar o protagonismo do líder Moyses. Em todas as literaturas sobre as novas comunidades ele aparece como o fundador de Shalom. Miranda J., em seu já citado livro *Carisma, sociedade e política*, p. 54, afirma que juntamente com Moyses, uma senhora chamada Estela estão entre os fundadores da comunidade.

³⁹ TIMBO, S. *Novas Comunidades: uma novidade no Brasil e no mundo*. Fortaleza: Shalom, 2004, p. 143.

expansão. Em pouco tempo após sua fundação a comunidade assiste a um rápido crescimento. Jovens, crianças, famílias, casais abraçam tal novidade.

Em fevereiro de 1984 os primeiros fiéis começam a viver em comunidade, Em 1985 são escritas as primeiras regras de vida da comunidade. Em janeiro de 1985, os primeiros jovens fazem seus primeiros votos como comunidade de vida. Em fevereiro do ano seguinte se realizaram os compromissos na comunidade de aliança dos primeiros adultos e jovens. E assim mais e mais adeptos vão se unindo a comunidade. Aumentam-se os grupos de oração e outros centros de evangelização são criados. Nasce novos ministérios no intuito de responder as necessidades da fraternidade. E a evangelização não pára por aí. Em 1991 Shalom vai para fora da arquidiocese de Fortaleza. Uma casa é aberta na Diocese de Quixadá, Ceará, a pedido do então Bispo Dom Adélio Tomasin.

Em 14 de abril de 1998 o então Arcebispo de Fortaleza, Dom Cláudio Hummes, concede a Shalom o decreto canônico de reconhecimento e aprovação como associação Privada de Fiéis em nível diocesano⁴⁰. Hoje a comunidade é reconhecida como Associação Privada Internacional de Fiéis. Portanto, um reconhecimento a nível pontifício. Tal reconhecimento legitima a autenticidade do carisma, aprova seus estatutos, bem como reconhece que a comunidade serve não apenas a igreja local ou nacional mas a internacional, isto é, está presente em vários países desenvolvendo atividades evangelizadora. A assinatura do Decreto da Santa Sé foi dada no dia 22 de fevereiro de 2007, através do Pontifício Conselho para os Leigos, no Vaticano, órgão encarregado da missão e vida dos leigos na Igreja. Atualmente Shalom e Canção Nova são as únicas comunidades do Brasil que receberam tal reconhecimento em nível pontifício e a quarta do mundo. As outras duas são Beatitudes e Emmanuel, ambas da França.

Surgidas na sua grande maioria dos grupos de oração da RCC, conforme já mencionamos, as novas comunidades vão paulatinamente se organizando a partir de um carisma próprio, que lhes dá coesão e lhes confere uma forte identidade. Igualmente a missão de cada comunidade está diretamente associada ao seu carisma. É nessa dinâmica que a comunidade Shalom assumiu como carisma a promoção da paz. “Somos chamados a ser, no interior da Igreja, discípulos e

⁴⁰ O reconhecimento em nível diocesano, como o próprio nome indica, reconhece a importância da presença e dos trabalhos de evangelização dentro da Diocese na qual a comunidade está inserida. Limita a ação evangelizadora dentro dos limites da Diocese.

ministros da Paz; a acolher, viver e anunciar ao mundo a Paz que é o próprio Jesus (cf. Ef 2,14)”⁴¹. Por meio do anúncio de Jesus Cristo, os membros da comunidade se sentem chamados a instaurar a paz no mundo e nos corações das pessoas.

No site da comunidade encontramos a articulação do carisma com algumas das dimensões essenciais da vida religiosa, a saber, contemplação, missão e comunidade. “Assim vivemos a nossa vocação: colhemos a Paz do coração de Jesus (contemplação), vivemos a Paz com nossos irmãos (unidade) e anunciamos a Paz aos homens (evangelização)”⁴². Nota-se que o nome da comunidade é a tradução de seu carisma. Shalom, em hebraico, paz. Resultante disso é a grande identidade da comunidade com seu carisma e missão.

É a partir da proposta da promoção da paz que Shalom desenvolve as mais diversas atividades evangelizadoras em todo o país. De breves mensagens de Deus aos jovens em uma lanchonete para trabalhos dos mais diversos, tais como, missões tanto em nível nacional como internacional, retiros, teatros, presença em rádios e tvs, trabalhos específicos para jovens, adultos, obras sociais etc. É interessante observar que por meio de tais atividades, a comunidade consegue penetrar em ambientes urbanos e específicos que as estruturas eclesiais tradicionais tem dificuldades de se fazer presentes.

2.2.1.2

Shalom no bairro Botafogo, RJ.

Visitamos a comunidade de Botafogo (centro de evangelização) onde procuramos conhecer o dia-a-dia da fraternidade, suas atividades, momentos fraternos, celebrativos e formativos. Entrevistamos vários membros da comunidade, cuja conversa girou não apenas em torno da Shalom mas das novas comunidades em geral, bem como da realidade de nossas paróquias.

A presença da Shalom no Rio de Janeiro data de 1996, quando dom Eugênio Sales pediu a presença da comunidade na diocese. Assim que veio para o Rio de Janeiro ela se instalou no bairro Leme. Um ano após foi para o Botafogo, onde está até hoje. Em 1998, é inaugurado o Centro de Evangelização, no mesmo bairro.

⁴¹ <http://www.comshalom.org/po/index.php>, acessado em 18/06/2008

⁴² <http://www.comshalom.org/po/index.php>, acessado em 18/06/2008.

Quarenta e sete membros compõem a fraternidade carioca, sendo 10 de vida e 37 de aliança. O cotidiano da comunidade de vida é mesclado com momentos de oração, meditação, estudo e trabalho. Semanalmente todos os irmãos da comunidade de vida e aliança se reúnem para oração, formação e partilha de vida, em pequenos grupos denominados ‘células’. Parece ser característica das novas comunidades o investimento em grupos menores, nos quais o mútuo conhecimento e troca de experiência são possíveis.

O centro de evangelismo Shalom de Botafogo tem como sua principal atividade a promoção de eventos de evangelização, dentre os quais o teatro da Paixão da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Retiros para as mais diversas faixas-etárias, encontros, entre outros eventos, são constantes na comunidade. Além disso, a casa está diariamente aberta para acolher as pessoas que para lá se dirigem.

Quando questionados sobre o porquê do rápido crescimento das novas comunidades, J.L, consagrada na comunidade, assim se expressa:

Acho que é o tempo da própria Igreja, de uma ação do Espírito Santo na Igreja que através da RCC leva as pessoas a terem uma experiência de Deus e também querer fazer uma experiência fraterna, de vida comunitária, que hoje a tendência natural do homem é cada vez mais o individualismo, pensar em si mesmo e acho que é um sopro da graça de Deus que leva a uma abertura, a sair de si, porque por mais que o mundo moderno leva as pessoas a serem individualistas, mas também existe a consequência da depressão e tantas coisas, e a vida fraterna por mais desafiante que seja nos leva a uma abertura e a uma realização.

Enfim, os membros da comunidade Shalom de Botafogo apresentam uma forte consciência de sua vocação no mundo e na Igreja. ‘Resposta de Deus para o tempo de hoje’ apareceram em várias respostas quando interrogados sobre o surgimento das novas comunidades.

2.2.2 Comunidade Bom Pastor

2.2.2.1 Origem da comunidade

A comunidade Bom Pastor, como a maioria das novas comunidades, é oriunda da RCC, mais especificamente de um grupo de oração. A fundadora da

comunidade, Doris Hoyer de Carvalho, conheceu a Renovação ainda no início do movimento aqui no Brasil, quando foi convidada, em 1975, a participar de um retiro chamado ‘experiência de oração’. Esse retiro marca, de certa forma, o início da comunidade Bom Pastor. Encantada e motivada com a experiência do retiro, Doris inicia no dia 1 de dezembro do mesmo ano, em seu apartamento em Copacabana, RJ, um pequeno grupo de oração, composto por ela, seu esposo João e mais 4 jovens. A porta da sala do apartamento costumava ficar semi aberta durante os encontros e paulatinamente outras pessoas iam se aproximando para rezar junto ao pequeno grupo. Seis meses mais tarde o grupo já contava com 40 membros e no final de 1977, 70 pessoas se acotovelavam na sala para participarem dos encontros.

Tal aglomeração de pessoas não deixava de suscitar reclamações de alguns vizinhos. Foi então que Doris viu a necessidade de bater às portas das paróquias em busca de um espaço para acolher a todos. Foi na paróquia Nossa Senhora de Copacabana que ela encontrou acolhida. Em 1979, o grupo de oração passa a se encontrar no território da paróquia, conforme podemos ler no site da comunidade:

Em 1979, aquele pequeno rebanho que tomou o nome de Grupo Bom Pastor e chegou a reunir cerca de oitenta pessoas, foi levado por Ele ao coração da Igreja. Abrindo as portas da Paróquia N. S. de Copacabana o bom Pastor multiplicou e tem multiplicado abundantemente o Seu rebanho, acolhendo e socorrendo todos que são atraídos pelo Seu chamado.⁴³

L. T, quem nos recepcionou na visita à comunidade, revelou-nos que até o último encontro nacional das novas comunidades, realizada em setembro de 2007, Bom Pastor era a única das novas comunidades situada no território paroquial, ou seja, junto a uma paróquia⁴⁴. Normalmente as novas comunidades possuem uma sede própria, independente do território das paróquias. Questionada sobre as vantagens ou desvantagens, ela afirma que isso aponta para a comunhão e colaboração entre a paróquia e sua comunidade. De fato é perceptível na Bom Pastor uma maior consciência de pertença eclesial e comunhão com a paróquia.

⁴³http://www.combompastor.com.br/home/redirect.asp?menu=quem_somos, acessado em 26/06/2008.

⁴⁴ A comunidade Bom Pastor localiza-se em Copacabana, no 9º andar da Paróquia de Nossa Senhora de Copacabana, Rio de Janeiro, rua Hilário de Gouveia, 36.

No ano de 1985 o então grupo de oração Bom Pastor recebe oficialmente o nome de comunidade Bom Pastor, cuja fundamentação bíblica encontra-se no capítulo décimo do Evangelho de João: “Eu sou o Bom Pastor. Conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas conhecem a Mim”.

Atualmente a comunidade é composta por 126 servos comprometidos, que anualmente renovam seus compromissos com Deus na comunidade, dentre os quais quatro padres, um diácono e quatro seminaristas. Servos comprometidos são, na linguagem das comunidades, todos os membros que se comprometem com Deus com através da comunidade, assumindo a regra de vida, os votos, bem como outras exigências, como o ofício divino etc.

No tocante aos padres comprometidos com a comunidade, trata-se de uma identificação com o carisma da mesma. Eles servem a comunidade, sem com isso deixar de exercer seus ministérios em suas paróquias. Conforme já mencionamos, parece ser cada vez mais comum essa realidade na qual clérigos e leigos se relacionam a partir de um carisma comum. Bom Pastor é bastante conhecida no meio católico, sobretudo pela banda *Bom Pastor*, famosa em todo o Brasil pelos shows católicos.

2.2.2.2

O carisma e identidade da comunidade

Igualmente a comunidade Bom Pastor está estruturada sob um carisma que a orienta na missão evangelizadora na Igreja e no mundo. Interessante o comentário L.T que de certa forma ajuda-nos a atender a dinâmica do carisma das novas comunidades: “no início a própria terminologia carisma soava um tanto estranho, algo típico de padres e freiras, mas que com o decorrer do tempo as coisas iam ficando mais claras, e fomos percebendo a vontade de Deus para a comunidade”. Nesta perspectiva, o carisma da comunidade Bom Pastor foi se construindo paulatinamente, fruto da caminhada da comunidade bem como da experiência pessoal e comunitária da fundadora.

São três as dimensões do carisma: o acolhimento, a exemplo do Bom Pastor, que acolhe todas as suas ovelhas. Nota-se que as principais atividades da comunidade, conforme veremos posteriormente, confirmam a vivência do carisma e a importância que ele assume na fraternidade; o ecumenismo e a unidade. Um

dos grandes momentos da comunidade é a semana da unidade pelos cristãos, realizada na semana seguinte à Páscoa. Há 20 anos a comunidade acolhe nesta semana pastores e membros de várias Igrejas cristãs, não apenas as do Conic (Conselho nacional das Igrejas cristãs). Perdão completa a tríade do carisma, igualmente inspirado na imagem do Bom Pastor.

Diferentemente da Shalom e Toca de Assis que possuem várias fraternidades nos mais diversos estados do país, Bom Pastor é formada por uma única casa. Outra peculiaridade desta comunidade reside no fato dela ser basicamente uma comunidade de aliança. Enquanto que grande parte das novas comunidades é de vida e aliança, Bom Pastor é essencialmente uma comunidade de aliança, com 126 membros comprometidos, dentre os quais sete moram juntos em um apartamento doado à comunidade. Emprega-se o termo *célula residencial* e não *comunidade de vida*, uma vez que há entre os 7 membros quem desempenhe suas atividades profissionais normalmente.

É neste contexto e com esta configuração que a comunidade desenvolve suas atividades evangelizadoras. Há na Bom Pastor um leque muito grande de atividades, sejam elas voltadas para a manutenção da comunidade bem como as propriamente evangelizadoras. Artesanato, bazar, livraria, um setor de áudio e vídeo, outro de publicações são instrumentos de evangelização, ao mesmo tempo responsáveis pela manutenção econômica da comunidade.

Quanto às atividades pastorais, um dos principais eventos são os grupos de oração, realizados todas as segundas à tarde e à noite, que reúne de 500 a 800 fieis. São momentos abertos ao público, ou seja, participam dos grupos de oração não apenas os membros comprometidos da comunidade, mas todos que se simpatizam com tal espiritualidade. São, portanto, eventos de massa. Outro momento forte da comunidade, restrito aos seus membros e já mais personalizados são os grupos de partilha, nos quais acontecem as orações, a partilha da Palavra e da vida. Cada grupo é formado por 8 a 15 pessoas. São nesses grupos que acontecem a formação dos membros da comunidade, bem como a dos candidatos a ela.

A formação da Comunidade Bom Pastor tem como porta de entrada a participação em um Seminário de Vida no Espírito Santo. Em seguida, o ingresso em pequenos grupos organizados com o número máximo de 15

membros, onde iniciamos o aprofundamento dos Carismas, da Missão e da Espiritualidade da Comunidade Bom Pastor⁴⁵.

Outra atividade, de certa forma inovadora, com bastante procura é o S.O.S. Oração, que consiste no atendimento por telefone às pessoas que pedem orações e desejam ser ouvidas. A coordenadora assegura que a principal função consiste em ouvir a pessoa e orar com ela. Na mesma dinâmica do S.O.S. Oração há igualmente na comunidade o chamado ministério de intercessão, outra atividade que prima pela acolhida, escuta e oração com as pessoas que procuram a fraternidade: “A cada quinta-feira, preparamos os espaços da nossa Comunidade, para receber das 14:00h às 18:00h cerca de setenta a oitenta irmãos e irmãs que vêm das mais diversas e distantes localidades, em busca de oração para suas necessidades e anseios”⁴⁶.

2.2.3 Comunidade Toca de Assis

2.2.3.1 Origem e missão da comunidade

Não menos atenção tem despertado a Toca de Assis, ou Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento, no atual contexto de novos movimentos e comunidades, sobretudo pelo seu rápido crescimento e expansão em todo o país. Hoje a fraternidade Toca de Assis conta com 1.500 membros, a maioria absoluta jovens entre 20 a 25 anos, espalhados por todo o mundo, em 120 fraternidades⁴⁷. A própria origem da comunidade está relacionada à vida de um jovem. Em 1983 um moço de 21 anos, natural de Mooca, São Paulo, decide mudar os rumos de sua vida após participar de um encontro de Jovens. Ele afirma que recebeu um forte chamado de Deus para doar-se inteiramente a Ele. Ingressa então no seminário, e no dia 8 de dezembro de 1996 é ordenado padre. Esta é brevemente a história de padre Roberto Lettieri, sacerdote da ordem religiosa Estigmatina e fundador da Fraternidade Toca de Assis.

A partir de seu trabalho com pobres, sobretudo moradores de rua, quando ainda era seminarista, se vê inspirado a fundar uma comunidade, cujo carisma

⁴⁵<http://www.combompastor.com.br/home/redirect.asp?menu=Formacao>, acessado em 30/09/2008.

⁴⁶<http://www.combompastor.com.br/home/redirect.asp?menu=intercessao>, acessado em 30/09/2008.

seria o cuidado dos pobres e sofredores⁴⁷. Em 1994, aos 31 anos, Roberto juntamente com mais três jovens fundam a fraternidade Toca de Assis, em Campinas. Quando foi ordenado sacerdote a obra já cotava com a ajuda de 80 jovens.

O nome da comunidade Toca de Assis e o seu carisma são inspirados em São Francisco de Assis. “*Toca* é nome derivado das pequenas tocas que Francisco de Assis encontrou em Rivo Torto, bem perto de Assis. Fugindo de seu pai, encontrou em Rivo Torto umas cabanas abandonadas, onde hoje se levanta uma igreja. Ali havia umas tocas pequenas e Francisco transformou-as em local onde guardava os leprosos e os mendigos”⁴⁹.

Há grande resistência da parte do fundador da comunidade e de seus membros quanto à classificação da Toca de Assis como comunidade de vida e aliança, ou qualquer outra ligação com a RCC. Padre Roberto, se defende:

A fraternidade não tem uma edificação na RCC. Ela não é um grupo de oração, ela não é uma comunidade carismática, ela é Igreja. ela tem uma edificação numa doutrina da igreja; por exemplo, você vai encontrar na Toca de Assis elementos da Teologia da Libertação, sadia é claro, você vai encontrar elementos da RCC, vai encontrar elementos do catecumenato, vai encontrar elementos duma eclesiologia até tradicional, que enriquece a liturgia, a questão do incenso, da formação litúrgica, no sentido de uma santa missa em latim, o canto gregoriano que eles gostam acham bonito, entendeu? Então a Toca de Assis, ela tem um eclesiologia aberta. Ela não é uma fraternidade edificada na RCC, ela é ampla, embora os jovens que fazem parte dela pertencem à RCC. Não é um desdobramento dela⁵⁰.

Contudo, a dinâmica de funcionamento da Toca, sua espiritualidade, características, seus projetos e trabalhos em muito se assemelham às novas comunidades, além da forte ligação entre Canção Nova e Toca de Assis, haja vista que padre Roberto é pregador oficial da Canção Nova. Em muitos eventos da RCC é possível encontrar membros da Toca.

A experiência de padre Roberto com os pobres, sobretudo moradores de rua, é o acontecimento fundante da Toca de Assis. Resulta disso o carisma da comunidade estar voltado ao cuidado dos pobres. A fidelidade ao carisma pode ser vista nas praças, ruas, hospitais, lugares esses em que é comum vermos toqueiros

⁴⁷ Cf. *Boletim do Convento e da Igreja Santo Antônio*, ano I, nº 14, novembro de 2008, p.4.

⁴⁸ Cf. DÁVILA C. B. *Renovação Carismática Católica*, op. cit., p. 76.

⁴⁹ <http://www.tocadeassis.org.br/index.php?lingua=1&pagina=tocadeassis> – acesso em 5/10/2008.

na companhia de pobres e sofrendores. Geralmente o atendimento é feito na própria rua, seja no cuidado da higiene pessoal, seja na alimentação ou outro tipo de cuidado⁵¹. Contudo, cada casa tem um jeito específico de viver o carisma, explica A. G., religiosos de votos perpétuos. Há casas, cuja principal atividade consiste no cuidado de moradores de rua, outras que são casas de acolhimento, oferecendo moradia, outras ainda que recebem os doentes sem abrigá-los. Trabalhos com alcoólatras e aidéticos também podem ser vistos em algumas fraternidades da Toca.

O carisma do amor e cuidado dos pobres fundamenta-se em outro pilar do carisma da comunidade: a adoração ao santíssimo sacramento. “Vamos aos pobres a partir do amor e da adoração ao Santíssimo”, diz uma consagrada. Outro religioso com votos perpétuos revelou-nos que cada irmão tem o compromisso de passar três horas ao dia em adoração a Jesus eucarístico. Sempre que possível há nas fraternidades da Toca adoração contínua, ou seja, um revezamento entre os religiosos garantem que a adoração não seja interrompida em nenhum momento do dia.

A oração pela Igreja e pelos sacerdotes e a itinerância completam o carisma da comunidade.

Adoração a Jesus sacramentado, amor aos pobres e vida missionária são os três pilares do carisma da Toca de Assis. Amar a Igreja de Deus pela perpétua adoração ao Santíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo, seu Amado e dileto Esposo. Amar a Igreja de Deus, Corpo Místico de Cristo, buscando aliviar seus sofrimentos nos pobres e sofrendores de rua. Amar a Igreja de Deus anunciando o Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, de cidade em cidade de maneira itinerante e testemunhal⁵².

Com esta fisionomia bem definida a Toca de Assis se denomina Instituto de vida consagrada não clerical, formada por membros religiosos e religiosas, os Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento, como são oficialmente

⁵⁰ DÀVILA C. B. Renovação Carismática Católica, op. cit., p. 78.

⁵¹ Cf. Ibid., p. 76.

⁵² <http://www.tocadeassis.org.br/index.php?lingua=1&pagina=tocadeassis>, acessado em 25/11/2008.

denominados, e também por pessoas que não aspiram a vida religiosa mas assumem o carisma da comunidade.

A Toca tem atraído fiéis, sobretudo jovens, na mesma proporção das novas comunidades. Conta com a generosidade de muitos benfeitores. Ao mesmo tempo em que ela é elogiada e admirada pela coerência de vida de seus membros, é também alvo de críticas no meio eclesial. Ela é acusada por alguns setores da Igreja de desenvolver um trabalho meramente assistencialista e não transformador. Padre Roberto rebate a crítica apelando à própria finalidade da comunidade: “A toca de Assis não tem a finalidade de transformar a estrutura social e política do país, nem pode. Ela usa de fraternidade, amor e entrega como armas para atrair os pobres, a fim de cuidar deles, alimentá-los. Isso gratuitamente”⁵³.

Apresentamos tal crítica a um religioso da fraternidade de Niterói, cuja resposta foi na mesma direção da do fundador: “planeja-se fazer muita coisa com os pobres mas na hora de colocar a mão na ferida não existem mãos pra isso. Então a gente busca ter essa base do cuidado, a gente acolhe a elas na regra do amor gratuito” (S. T. P).

Carranza, ao estudar o Toca em Campinas faz o seguinte comentário:

A toca de Assis chama a atenção, no contexto religioso de Campinas, pela sua excentricidade no modo de vestir e comportar-se em publico, visto que seus membros optarem pela vivência da pobreza absoluta, a começar pela vestimenta inspirada no hábito franciscano, que consiste em vestir uma túnica longa de cor marrom e sandálias de dedo. Normalmente, os membros da Toca andam em grupos pelas ruas do centro da cidade, atraindo a atenção por seu comportamento alegre e festivo. Os eventos religiosos caracterizam-se pela manifestação de gestos afetivos fora do comum, tais como abraçar os sacrários, comungar de mãos dadas, tocar os santos, ficar longo tempo de joelhos⁵⁴.

Percebemos, portanto, tratar-se de um modo todo particular de viver a fé.

Nossa intenção aqui não é de uma análise mais profunda da eclesiologia e sociologia da Toca. Queremos apenas ter acesso a algumas intuições da Toca, que reflete uma nova tendência religiosa, que podem lançar luzes para a temática revitalização paroquial.

⁵³ DÀVILA C. B. Renovação Carismática Católica, op. cit., p. 78.

2.2.3.2 Comunidade Toca de Assis, Niterói

As fraternidades visitadas foram Bom Samaritano (masculina) e Nossa Senhora das Dores (feminina), ambas em Niterói. A partir da dinâmica já mencionada no tocante à vivência própria do carisma de cada fraternidade, Bom Samaritano é uma casa de evangelização e de acolhida aos doentes e pobres. Acolhe-os, presta-lhes ajuda, cuidado com higiene e alimentação sem contudo fornecer hospedagem. Já a fraternidade feminina é uma casa de acolhida aos doentes em fase terminal.

Ambas as casas têm como principal atividade a oração e a itinerância, além do cuidado dos doentes na casa. Chama a atenção a alegria e convicção de todos no que tange à própria identidade de toqueiro. Convictos da própria espiritualidade, das exigências e austeridade da Toca, dizem estarem felizes por servir a Deus dessa forma, embora se saiba que a porcentagem de desistência não é pequena. Certamente muitos aderem à comunidade pela novidade, e o encontro com a realidade gera desistência.

Todos os entrevistados assumiram a bandeira da radicalidade, como próprio do movimento. Quanto perguntados o que mais atrai na Toca e porquê de tão grande adesão, as respostas foram uníssonas: a radicalidade de vida. Segundo E. D., tal radicalidade, mais do que sacrifício, aponta para o mais profundo desejo de encontro com Deus. “quando o jovem quer seguir a Jesus de verdade, ele segue de verdade, com toda radicalidade”.

Participamos de alguns momentos de oração da fraternidade, cuja marca é o misto de espontaneidade com as orações tradicionais da Igreja, além da grande ênfase na adoração ao Santíssimo, parte integrante do carisma. Chama a atenção a beleza da capela interna de ambas as fraternidades. Simples, modesta, porém, de excelente decoração.

No que diz respeito à pergunta sobre o que a Toca pode oferecer à renovação paroquial, todas as respostas giraram em torno da espiritualidade. Uma espiritualidade eucarística, um amor mais intenso a eucaristia foram a tônica das respostas. Para o entrevistado J. S. S. A.

⁵⁴ Ibid., p. 77.

Acredito que nosso carisma tem muito do que a Igreja precisa: uma renovação eucarística ... Falta essa renovação eucarística, do clero, dos institutos. Falta uma maior experiência com Jesus. Muitas pessoas entram na Igreja e vão aos pés dos santos. Esquece-se que a eucaristia é o centro da vida cristã.

Podemos perceber um forte sentimento de pertença eclesial nos membros das fraternidades visitadas. Em todos os depoimentos transpareceu uma fala a partir de dentro, isto é, membros responsáveis pela missão da Igreja.

Quando questionados sobre a falta de incentivo ao estudo, dizem ser o carisma da Toca um trabalho muito prático, no cuidado dos pobres. Segundo os toqueiros, a evangelização se dá na ação. E Para adorar a Jesus não há necessidade de estudos.

2.3

As contribuições e os desafios das novas comunidades para a Igreja

2.3.1

As principais contribuições das novas comunidades

A existência das novas comunidades eclesiais em si já é significativa. Revela a dimensão carismática da Igreja, rica na multiplicidade de formas de pertença eclesial e de vivência da fé. Além do que, no atual contexto de uma sociedade fragmentada, as novas formas associativas de fiéis vêm responder aos novos desafios impostos pelas mudanças socioculturais-religiosas. É este sem dúvida um dos motivos pelos quais tal modelo eclesial atrai tantos fiéis, ou seja, sua conjuntura social e seu perfil institucional favorecem hoje uma experiência religiosa comunitária, o que a atual realidade paroquial deixa a desejar, conforme veremos mais adiante. Reconhecendo toda a riqueza que os novos movimentos contêm e sua importância para a evangelização no atual contexto, *Evangelii Nuntiandi* diz urgir “reconhecer a legítima pluralidade das formas agregativas dos fiéis leigos na Igreja e, simultaneamente, disponibilidade para a sua recíproca colaboração”⁵⁵.

Sem a pretensão de esgotar toda a riqueza trazida pelas novas comunidades eclesiais, apontaremos algumas contribuições que parecem ser

⁵⁵ PAULO VI. *Exortação Apostólica sobre a Evangelização no mundo contemporâneo*. 5.ed. São Paulo: Paulinas, 1977, n. 30.

centrais para a Igreja no mundo urbano, sobretudo ao pensarmos na reestruturação da vida paroquial, objetivo principal desta dissertação.

Sem sombra de dúvida a grande contribuição das novas comunidades repousa no resgate da dimensão comunitária e relacional da fé cristã. Elas são louváveis espaços comunitários, ricos ambientes de relação pessoal, nos quais vigoram fortes laços fraternos, com rico conteúdo afetivo e forte senso de identidade. Quando interrogados sobre o que mais atrai nas novas comunidades, nenhum dos interrogados deixou de mencionar a relação fraterna e uma maior experiência com Deus. O testemunho de O. P., da comunidade Shalom, confirma: ‘aqui eu sou gente, sou chamado pelo nome’.

Trata-se visivelmente de uma resposta estrutural eclesial aos novos desafios, às aspirações de afeto, acolhida e subjetividade que habita o ser humano urbano. Conforme observa França Miranda, carecemos hoje de “espaços vitais, comunitários, ricos de relações pessoais entre os fieis, nos quais a experiência salvífica contribua fortemente pra a identidade cristã de cada um e onde possam surgir novas formas sociais para a vivência da fé”⁵⁶. O mesmo autor continua: “os novos movimentos e as novas comunidades vieram preencher essa lacuna, sobretudo no meio urbano, já que as ‘comunidades eclesiais de base’ responderam de certo modo a tais anseios no meio rural”⁵⁷.

O resgate e o despertar da dimensão comunitária, longe de serem algo periférico nas novas comunidades e movimentos eclesiais, constituem o eixo ao redor do qual gira a sua experiência religiosa. Elas recuperam para a Igreja a centralidade do convívio, favorecem a relação e maior conhecimento entre as pessoas. As pessoas anseiam por acolhida e atenção. Os membros das novas comunidades afirmam lá encontrar o que buscam. Na mesma dinâmica, o documento de Aparecida assim se expressa:

São elas um ambiente propício para escutar a Palavra de Deus, para viver a fraternidade, para animar na oração, para aprofundar processos de formação na fé e para fortalecer o exigente compromisso de ser apóstolos na sociedade de hoje. (DA 308).

Intimamente ligado à relacionalidade da experiência religiosa, as novas comunidades contribuem para o resgate da alegria de ser cristão e de pertença à

⁵⁶ MIRANDA, M. *A Igreja numa sociedade fragmentada*, op. cit., p. 67.

Igreja, bem com para uma maior vivência dos sacramentos. Percebe-se nas novas comunidades o entusiasmo e a convicção da própria fé vivida e celebrada em sua comunidade. Convicção da fé, ardor missionário, alegria, são comportamentos perceptíveis nos membros das comunidades.

Outra grande contribuição das novas comunidades está na espiritualidade e no despertar da fé de muitas pessoas. A Igreja católica sofre um forte ‘déficit espiritual’; sente cada vez mais dificuldades para responder à fome de experiência do sagrado na cultura atual⁵⁸. As novas comunidades, ao primarem pela renovação espiritual, promovem muitas conversões e reencanto espiritual na redescoberta da religião.

Chama a atenção a facilidade das novas comunidades de chegar com muito mais facilidade os ambientes que a tradicional pastoral paroquial tem cada vez mais dificuldades de atingir, numa sociedade secularizada, na qual a religião adentra cada vez mais para a dimensão privada da existência humana. Com razão afirma o documento da CNBB:

As novas comunidades têm assumido, com especial atenção, a evangelização, enfatizando o anúncio, a conversão, a experiência pessoal de fé, valorizando a subjetividade e os sentimentos, conseguindo atingir ambientes nos quais a pastoral paroquial não tem conseguido se fazer presente⁵⁹.

Na valorização do leigo reside igualmente a grande riqueza das novas comunidades para a vida eclesial. O deslocamento do clericalismo para uma maior participação e envolvimento dos leigos tem ajudado a construir uma Igreja povo de Deus, querida pelo Vaticano II. Nas novas comunidades a fé parece não ser pensada a partir do lugar clerical. Nelas, os leigos são autores da própria experiência religiosa e não meros receptores. Dito de forma diferente, os membros participantes das comunidades são tirados do anonimato e lhe são devolvidos o reconhecimento pessoal e o protagonismo da própria experiência religiosa. Os vários ministérios existentes contribuem para um apostolado dinâmico e eficaz. Elas contribuem na formação de um laicato consciente de sua missão na Igreja, embora percebe-se certas atitudes de subserviência clerical.

⁵⁷ Ibid, p. 67.

⁵⁸ CLODOVIS, B. “Perspectivas da experiência religiosa para o novo milênio”. In: FABRI, M. A. A. (org). *Sob o fogo do Espírito*, op. cit. p. 332.

⁵⁹ Comissão Episcopal Pastoral para a doutrina da Fé, op. cit., n. 25.

Outro aspecto positivo que de certa forma perpassa todos os outros é a valorização dos sentimentos, vale dizer, da subjetividade, recuperação da dimensão experiencial da fé, que por sua vez não está isento de risco do sentimentalismo, subjetivismo psicologizante. Não consiste novidade afirmar que a “espiritualidade clássica mortificou em excesso a emoção, levando a certa desumanização do espírito”⁶⁰. Em sintonia com a sensibilidade socioreligiosa pós-moderna, as novas comunidades, portanto, favorecem, a recuperação uma espiritualidade mais ‘holística’, integral⁶¹.

2.3.2

As principais dificuldades das novas comunidades

Afirmar o sopro do Espírito atuante na realidade das novas comunidades, cujas contribuições são inúmeras para a Igreja, não significa a ausência de equívocos nas mesmas. Porque o Espírito sempre age na história, em pessoas concretas, por isso limitadas, a recepção desta ação não está ausente de possíveis distorções. É sempre importante lembrar que o Espírito nunca age num vazio histórico sociocultural, o que significa afirmar que toda e qualquer realidade impregnada da ação do Espírito está sujeita a não captar de modo pleno o seu agir. Muito pertinente é a intuição de Ana Maria Tepedino:

O Espírito age no humano, que é ambíguo: bom e mau, certo e errado... Mas não há ambigüidade no Espírito, por ele é Deus. Muitas vezes, ao externalizar sua experiência do Espírito, as pessoas mostram-se contraditórias, uma vez que nós, humanos, somos vasos de barro carregando um vinho precioso (cf 2 Cor 4, 7), como já observava o grande antropólogo Paulo⁶².

É nesta dinâmica que, fiéis a ação do Espírito que age em vasos de bairro, não podemos deixar passar despercebidas certas ‘ambigüidades’ ou tensões presentes nas novas comunidades.

A grande dificuldade das novas comunidades está na comunhão e inserção na Igreja local, não apenas no que diz respeito a programação e planejamento mas na própria relação. Por constituírem uma dinâmica toda própria, com certa

⁶⁰ BOFF, C. Perspectivas da experiência religiosa para o novo milênio, op. cit. In: Anjos, Márcio F.A. (org.), op. cit., p. 332.

⁶¹ Ibid. p. 332.

autonomia, até mesmo em relação à RCC, as novas comunidades não estão livres da tentação de um fechamento em si mesmas, prescindindo das paróquias e até mesmo da própria diocese⁶³.

B.M, da comunidade Bom Pastor, afirma perceber em muitas comunidades uma certa concorrência com as paróquias: “para ser bem sincera as vezes percebo que as novas comunidades estão concorrendo com as paróquias, isso é horrível”

Percebe-se em alguns membros de comunidades uma acentuada tendência proselitista, ou seja, uma tentativa de impor à força ao todo da Igreja seu modelo, sua espiritualidade, sua concepção de mundo e seu modelo eclesial.

Não é difícil perceber um certo ‘paradoxo’ nas novas comunidades. De um lado elas dão grande ênfase na vida fraterna, protagonismo dos leigos, porém, por outro lado, tendem a não abrir mão do rigorismo moral e do conservadorismo eclesial.

Se por uma lado as novas comunidades representam uma reação frente a institucionalização da Igreja e ao racionalismo, se há nelas uma maior liberdade de ação dos leigos e diminuição do peso institucional, espontaneidade no modo de viver a fé, por outro lado, muitos discursos reforçam a pertença institucional, na linha da doutrina, no apego excessivo a normalidades, ‘obediência’ incondicional aos pronunciamentos do magistério, preceitos morais, dogmatismo... Dentre as comunidades visitadas, Shalom e Toca de Assis foram as que mais deixarem transparecer o apego excessivo à doutrina católica. Bom Pastor, certamente devido ao seu carisma ecumênico, apresenta uma postura mais flexível.

Muito ainda poder-se-ia abordar a respeito das dificuldades e paradoxos apresentadas pelas novas comunidades. Importa, contudo, perceber que para além de todas as suas dificuldades e sua tendência a uma teologia neo-pentecostalizada, elas são uma riqueza inquestionável para a vida da Igreja, e muitas são suas contribuições para a proposta da renovação paroquial.

⁶² TEPEDINO, A. M. *Amor e discernimento: experiência e razão no horizonte pneumatológico das Igrejas*. Paulinas: São Paulo, 2007, p. 15.

⁶³ Comissão Episcopal pastoral para a Doutrina da Fé, op. cit., n. 30.

2.3.3

As novas comunidades eclesiais e a instituição paroquial

O caminho percorrido até aqui nos mostram que as novas comunidades eclesiais não podem sem mais serem desconsideradas. Calcula-se que nada menos de 10 000 católicos moram nessas comunidades, sem falar do número dos membros de comunidade de vida⁶⁴. Os números mais do que surpreender, mostram que novos movimentos e novas comunidades estão aí, vieram para ficar, e questionam as organizações eclesiais tradicionais que enfrentam cada vez mais dificuldades para transmitirem ao mundo atual a Boa Nova que trazem.

Na última Conferência Episcopal realizada em Aparecida as novas comunidades e os movimentos tiveram uma participação significativa, tanto na sua etapa de preparação como na própria Conferência. Cada vez mais eles são a Igreja uma realidade crescente, apontando para novas tendências de vida eclesial comunitária, questionando modelos pastorais estáticos, já não mais condizentes com os contextos urbanos.

Certos de que a ação do Espírito sempre extrapola a própria realidade onde Ele sopra, todo o corpo eclesial é enriquecido com a novidade das novas comunidades eclesiais, apesar de suas ambivalências e limitações vistas anteriormente. Elas não apenas confirmam a realidade carismática e complexa da Igreja, na qual existem variadas formas de pertence eclesial e vivência da fé, mas também interpelam as estruturas eclesiais, sobretudo a paróquia, e lançam luzes para a busca de novos caminhos pastorais.

A questão central aqui não está em ‘dogmatizar’ as novas comunidades, contudo é preciso reconhecer que elas são uma realidade que conseguem se adaptar com facilidade aos novos desafios, e responder, embora possuam limitações, às necessidades do homem religioso pós-moderno e urbano. Por serem elas uma resposta evangelizadora aos desafios da cultura vigente, a realidade eclesial paroquial é convidada a olhar os acontecimentos ao seu redor, ler os sinais dos tempos, e sentir-se provocada e motivada a encontrar, a partir de sua identidade, novos modelos e práticas pastorais que vão ao encontro das exigências do momento presente. Em outras palavras, o desejo e a necessidade de sincera

⁶⁴ Cf. LOPES, E. Revista Veja, op. cit. p. 112.

renovação estrutural da Igreja, sobretudo a paróquia não pode subestimar a capacidade das novas comunidades de comunicar o Evangelho na atual cultura.

Em muito elas podem lançar luzes de reavivamento eclesial, assim como em muito contribuem as Comunidades eclesiais de base, em cujas riquezas destaca-se a comunhão, a igualdade entre todos os batizados e sua forte consciência sociotransformadora. A forte ênfase na vida comunitária constitutiva das Cebbs, o rompimento com a massificação e burocracia, facilita a descoberta dos carismas das pessoas, além da criatividade para assumir novos serviços e ministérios.

O Documento de Aparecida percebeu a importância das Cebbs, juntamente com as novas comunidades na vida da Igreja para a renovação eclesial.

Como resposta às exigências da evangelização, junto com as comunidades eclesiais de base, existem outras várias formas de pequenas comunidades eclesiais, inclusive redes de comunidades, de movimentos, grupos de vida, de oração e de reflexão da palavra de Deus. Todas as comunidades e grupos eclesiais darão frutos na medida em que a Eucaristia seja o centro de sua vida e a Palavra de Deus seja o farol de seu caminho e sua atuação na única Igreja de Cristo (DA 180).

Importa perceber tratar-se de modelos eclesial que possibilitam e fomentam o que a sensibilidade hodierna mais reivindica: participação, partilha, reconhecimento de sua individualidade, afeto. Sem sombra de dúvidas, as novas comunidades conseguem com mais facilidade adaptar a mensagem do Evangelho à atual realidade, atingindo as lacunas intelectuais, psicologias, religiosas existentes na evangelização da Igreja. Para além de suas dificuldades e tensões, as novas comunidades formam comunidades. E a paróquia, pode ser hoje uma comunidade?